



Do apogeu ao descaso do Canal Campos-Macaé

Francele de Almeida Araújo*

Palavras-chave: Conscientização Ambiental. Degradação. Patrimônio Histórico. Urbanização.

Breve histórico do Canal Campos -Macaé e sua importância histórico-cultural

A criação do Canal Campos-Macaé foi sugerida pelo Bispo Azeredo Coutinho, em seu livro “Ensaio Econômico sobre o comércio de Portugal e suas colônias”, edição de Lisboa, em 1794.

Em 1838, o projeto do canal foi solicitado ao sargento-mor-engenheiro Henrique Luiz Niemeyer Bellegard. A necessidade da abertura do mesmo foi manifestada em 1843, quando a Câmara de Campos enviou um ofício à presidência da província mostrando a urgência da construção do canal, já que a necessidade de os produtos agrícolas escoarem e os gêneros de consumo entrarem eram urgentes.

E no dia 1º de outubro de 1844 foi dado início às obras de abertura do canal interligando as bacias do Rio Paraíba do Sul, da Lagoa Feia e do Rio Macaé, para fins de navegação, atendendo a interesses econômicos dos mais diversos, além do transporte de passageiros.

O Imperador Pedro II, durante o período em que esteve à frente do governo, veio à cidade de Campos quatro vezes. Na primeira, a que durou maior tempo, seu principal compromisso oficial era conhecer o canal Campos-Macaé. No dia 24 de março de 1847, atraído pelo fato de essa ser a maior obra de engenharia em execução no Brasil, o imperador visitou sua construção.

Em outubro de 1863, inicia-se o serviço de escavação para que o canal fosse abastecido pelas águas do Rio Paraíba do Sul, o que permitiria sua navegabilidade. Para que se tenha uma melhor compreensão desse processo, é importante mencionar a configuração urbana da época. O perímetro formado pelas ruas Barão do Amazonas, Vigário João Carlos,

* Pós-graduanda em Educação Ambiental pelo CEFET Campos. Tecnóloga em Produção Agrícola. Bolsista do Núcleo de Pesquisa Gestão Ambiental do CEFET Campos

São Bento e Formosa era ocupado pela lagoa do Furtado, assim denominada por estar localizada em terras que, por volta do século XVIII, pertenceram ao padre Manoel Furtado de Mendonça. A Rua Barão do Amazonas, antiga Rua do Alecrim, tinha início na Beira Rio e terminava na Rua do Conselho (atual João Pessoa). Para estender seu traçado até a Rua Formosa, sucessivos aterros, compostos basicamente de material orgânico, foram feitos sobre a lagoa. Por se tratar de material de difícil compactação, a rua recebeu o apelido de Rua “Fofa”. A área onde se localizava a lagoa do Furtado serviu inicialmente como bacia para possibilitar a formação do canal.

Apesar da fatura de mão-de-obra escrava, o canal demorou a ficar definitivamente pronto. No dia 25 de fevereiro de 1872, saiu em direção a Macaé o vapor *Visconde* rebocando uma prancha com 11 passageiros e dando início à ligação entre as duas cidades. O período de uso do canal foi pequeno comparado aos custos sociais, financeiros e o tempo necessário à sua construção, visto que muitos escravos perderam a vida na construção do canal, e o mesmo levou cerca de 28 anos para ser construído. Após dois anos de inauguração, o canal caiu em desuso, prestando-se apenas para escoar as águas do Rio Paraíba do Sul em períodos de cheias. A inauguração da ferrovia Campos-Macaé, em 1874, e mais tarde, a da rodovia, contribuíram, certamente, para a desativação do canal.

Certo é que na cidade de Campos dos Goytacazes o perímetro urbano começou a se estabelecer próximo ao Rio Paraíba do Sul, mas sua concentração ocorreu em torno do canal. Várias medidas, com a finalidade de urbanizar a cidade, foram promovidas e várias interferiram na aparência inicial do Canal Campos-Macaé.

Em 1940, o Departamento Nacional de Obras e Saneamento (DNOS) construiu redes de canais visando à drenagem e saneamento da região. Logo o Canal foi submetido a um processo de recuperação pelo órgão que, além de cuidar da manutenção deste Canal, abriu inúmeros canais menores na Baixada Campista. O DNOS também foi responsável pela cobertura de um pequeno trecho entre o Rio Paraíba do Sul e a Rua Gil de Góis que era a área da antiga Lagoa do Furtado. No entanto, após a extinção deste órgão o canal foi esquecido pelas três esferas do poder e acabou ganhando o popular nome “valão” nas cidades de Campos dos Goytacazes e Macaé que são as faixas do canal que sofrem maior degradação ambiental.

É importante ressaltar que este canal, tido como a maior obra da engenharia civil nacional no século XIX, é atualmente considerado a segunda maior hidrovia artificial do planeta.

Conflitos sociais e ambientais e suas perspectivas

Os problemas ambientais encontrados na atualidade são inúmeros e vários são os motivos que levam à atual degradação ambiental em que se encontra o Canal Campos-Macaé. Esta condição atual do Canal é fruto de um processo histórico, decorrente de uma modernização que preconizou interesses humanos dissociados do meio ambiente.

Atualmente, o Canal Campos-Macaé encontra-se em total estado de abandono principalmente após a extinção do DNOS que era o órgão responsável pelos trabalhos de limpeza e drenagem deste. Esse abandono está acarretando diversos problemas para a comunidade, por exemplo, quando chove o canal transborda inundando as ruas suas águas invadem as casas da população que vive às suas margens transmitindo diversos tipos de doenças.

O canal além de receber as águas pluviais, já que a galeria pluvial em torno do Canal deságua no mesmo, recebe despejos comerciais e, principalmente domésticos clandestinos que são ricos em matéria orgânica, o que, por consequência, provoca a eutrofização das águas. Além dos efluentes despejados no Canal há o despejo de resíduos sólidos, como o lixo residencial. O lixo do canal é oriundo, em sua maioria, da população ribeirinha. Mas, além desta população próxima ao canal há pessoas que durante o dia passam próximo ao canal e jogam latinhas, plásticos, e outros, já tendo, até, sido encontrado cadáver humano em seu trecho urbano na cidade de Campos dos Goytacazes.

Um dos maiores problemas enfrentados para a recuperação do canal é o assoreamento que influencia e agrava mais ainda o problema do canal, pois compromete as paredes laterais, que com a infiltração ela começa a ceder. Em certos trechos do Canal Campos-Macaé, devido à quantidade de lixo orgânico que é despejado, o mato está crescendo desordenadamente e está invadindo todo o canal afora.

Hoje, o Canal Campos-Macaé, tem sido muito degradado o que agrava a sua situação mais ainda, e contribui para uma imagem de abandono.

Diante deste quadro, a Prefeitura criou um projeto de urbanização para a cidade, em que um dos subprojetos seria a cobertura quase completa do canal em seu trecho urbano. Cimentado, o canal daria lugar a estacionamentos e lojas comerciais. Esta medida ganhou

repercussão na sociedade civil e logo diversos encontros e debates em Universidades e na mídia foram ocorrendo em torno do canal.

Vendo, assim, a necessidade urgente de providências, a fim de conservar o canal, um grupo de pesquisadores no assunto, ambientalistas e intelectuais, enviaram ao Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro (INEPAC) o pedido de tombamento do Canal, e no dia 30 de dezembro de 2002 o Canal Campos-Macaé foi tombado como um Patrimônio Histórico por esse órgão.

Esses problemas do canal ainda pioraram com tal tombamento. Houve um completo esquecimento de sua limpeza e manutenção, provocando cada vez mais a poluição e sujeira do local.

Considerações finais

Devido a esse abandono, hoje estão sendo estudadas diversas formas para tentar reverter essa situação. Muitos projetos foram criados para a cobertura do canal, isso leva aos moradores a questionarem a restauração e limpeza do mesmo.

Logo, nota-se a falta de consciência ambiental da maioria da população que considera o canal um valão fétido, devido a ser um foco de mosquito, ratos, animais peçonhentos, além do mau cheiro que exala.

Referências

BORGES, Armando. *História do Canal Campos-Macaé*. Macaé, jul., 2000.

SOFFIATI, Arthur. Os canais de navegação do século XIX no Norte Fluminense: canal Campos-Macaé, Representação ao Ministério Público, 2000. Disponível em: <http://www.geocities.com/http://geocities.com/RainFores/9468/canal.htm>.

TEIXEIRA, Simone; VIEIRA, Silviane de Souza. O Canal Campos-Macaé e suas representações: imagens e usos. In: FARIA, Teresa Peixoto (Org.). *Seminário Saturnino de Brito: 100 anos do projeto de saneamento de Campos - Anais*. Campos dos Goytacazes, RJ 2003, p. 145 - 156.

_____; _____. Um continuum de Histórias: o canal Campos-Macaé. *Campus Santa Mônica*, Uberlândia. Publicado em jun. 2006. Número Especial, v. 33, ano 18, 2005, p. 171 a 180.

WEICHREE, Karlheinz. O Canal Campos-Macaé: obra ciclópica esquecida da engenharia nacional. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, ano 166, n. 428, p. 261-303, jul./set. Rio de Janeiro, 2005.